



Eu vim trazer a espada... (cf. Mt 10,34)

Meditações acerca de algumas expressões religiosas contemporâneas

Análise de Conjuntura Eclesial – Setembro de 2025

INAPAZ¹

Mudança de rota ou atenção a detalhes no mesmo caminho?

1. No mês de junho, poucos dias após a divulgação pelo IBGE dos dados censitários ligados a religião, o INAPAZ apresentou ao Conselho Permanente uma primeira reflexão² com a proposta de continuidade. Agora, no entanto, para o CONSEP de setembro, um novo tema é apresentado. Trata-se do que se pode chamar de *expressões religiosas contemporâneas* construídas em torno da ideia de **combate**. Embora à primeira vista, sejam dois assuntos distintos, a hipótese aqui levantada é a de que estamos abordando a mesma temática do atual quadriênio, ou seja, o ethos religioso brasileiro, na busca de indicações pastorais que ajudem no discernimento rumo às futuras DGAE.
2. Como indicado em análises anteriores, o INAPAZ reafirma também nesta análise a hipótese de que o Brasil de nossos dias vive um jeito específico de lidar com a religião, jeito esse que, inserido em processos maiores, em dinâmicas mundiais, podemos chamar de *secularização*³, entendida aqui não no sentido de ausência da dimensão religiosa, mas em uma configuração bem específica da sua vivência. Entre as características dessa configuração, é possível recordar o enfraquecimento da dimensão institucional e a consequente individualização das crenças, os conteúdos elaborados a partir das mais diversas sínteses, algumas vezes até ultrapassando os tradicionais limites das identidades religiosas e a mobilidade, que se concretiza tanto no

¹ A equipe do INAPAZ é atualmente composta por D. Joel Portella Amado, D. Wellington Queiróz, Pe. Abimar Oliveira de Moraes, Pe. André Márcio Nogueira de Souza, Pe. Danilo Pinto dos Santos, Pe. Douglas Alves Fontes, Pe. Jânison de Sá Santos, Pe. Marcelo Batalioto, Pe. Marcial Maçaneiro, Sra. Maria Inês Castro Millen, Srta. Mariana Venâncio, Irmã Sueli Cruz e Pe. Waldecir Gonzaga.

² INAPAZ, Entre números e interpretações. Uma primeira reflexão sobre os dados religiosos do Censo 2022. Análise de Conjuntura Eclesial apresentada ao Conselho Permanente em 1º de julho de 2025.

³ DAVIE, Grace –: *Believing Without Belonging: Religion in Britain Since 1945*, Oxford : Blackwell, 1994; HERVIEU-LÉGER, Danièle . *O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008; HERVIEU-LEGER, Danièle e WILLAIME, Jean-Paul, *Catholicisme, la Fin d'un Monde*. Paris, Bayard, 2003; TAYLOR, Charles. *A Era Secular*. Rio de Janeiro: Record, 2010





trânsito religioso e nas mudanças internas que cada uma dessas manifestações religiosas contemporâneas experimenta em períodos até mesmo cronologicamente curtos.

3. Esta hipótese se viu confirmada pelos dados censitários 2022 no que dizem respeito à religião. Percebemos um Brasil mais plural em meio a uma experiência religiosa desconectada das instituições que historicamente têm gerido as crenças em nosso país. Se bem compreendidos, os números religiosos do Censo 2022 apontam para uma experiência religiosa muito mais em chave de trânsito ou mobilidade do que, como se imaginava, unilateral na direção do catolicismo para o protestantismo. Nesse sentido, a experiência religiosa no Brasil se mostrou mais plural, individualizante, móvel e continuamente mutante. Se, por um lado, as previsões a respeito de transformações, notadamente na relação entre católicos e evangélicos, não se confirmaram tão agudas, isso não significa que a tendência tenha se revertido. O número de católicos permanece em queda e o número de evangélicos em crescimento. Diminuiu o ritmo, não, porém, a tendência. A isso se deve acrescentar com especial atenção a realidade dos sem-religião ou desigrejados, como concretização mais aguda de todo esse processo.

Um corte em continuidade?

4. É, portanto, nesse quadro de um Brasil secularizado que o INAPAZ apresenta esta breve reflexão sobre algumas formas de viver a experiência religiosa surgidas, fortalecidas ou ressignificadas recentemente, todas ao redor do que de modo resumido se pode denominar como *postura de combate*. Ao refletir sobre esta experiência, é mantida a hipótese de que esta postura se encaixa no mesmo processo de secularização tal qual descrito nas análises anteriores e acima resumido. Não estamos, desse modo, diante de um redirecionamento da experiência religiosa brasileira, mas possivelmente diante de algumas consequências inerentes ao que se tem vivido principalmente nas últimas décadas no Brasil. Desse modo, as religiosidades em torno ao combate deitam suas raízes no mesmo processo secularizador do ethos religioso brasileiro atual, não podendo ser compreendidas como reversão efetiva.
5. O motivo pelo qual o INAPAZ se volta para esse tipo de experiência religiosa, buscando dialogar com ela no CONSEP tem sua origem na preocupação





pastoral de quem, se encontrando no front evangelizador, se depara, por exemplo, com radicalismos, posturas de perfil mágico, conexões entre a dimensão religiosa e a política, além, por certo, de um radicalismo que se mostra algumas vezes incapaz de diálogo e comunhão. Esta preocupação se torna maior na medida em que a Igreja no Brasil está em processo de discernimento de novas DGAE, fazendo emergir com vigor a pergunta a respeito das propostas indicadas no instrumento de trabalho apresentado para análise dos bispos e suas igrejas locais. Com isso, é possível levantar algumas questões indispensáveis. Sem a resposta a elas, a continuidade do discernimento rumo às futuras DGAE pode se tornar prejudicado, principalmente com a ilusão de que, em lugar de outras proposições o caminho seja o da ratificação das espiritualidades de combate e não do que está proposto no instrumento de trabalho. Olhar, portanto, essas espiritualidades de combate é uma urgente necessidade, pois, em termos de conjuntura, de nada resulta postergar a reflexão por causa de calendário ou, mais ainda, de termos apenas hipóteses a apresentar.

Do que estamos falando?

6. **Espiritualidade de combate** foi a expressão escolhida escolhido pela equipe do INAPAZ para descrever a experiência religiosa que tem na luta, no combate e mesmo na guerra a sua concepção e, em consequência, a sua linguagem, com seus termos correlatos. Esta expressão vem ganhando destaque em certos grupos religiosos, especialmente no meio católico. Ela não se refere a um movimento único ou a uma doutrina formalmente estabelecida, porém a um conjunto de posturas e práticas que enfatizam a vida cristã como uma luta espiritual constante. Sua linguagem e seus símbolos são predominantemente bélicos, como, por exemplo, a própria palavra *luta* e outras como armas, batalha, soldado e exército. Atualmente em torno à devoção a S. Miguel Arcanjo tem se construído ou fortalecido um jeito de viver a fé cristã católica centrada na compreensão de que a vida é uma luta pessoal e espiritual, para a qual são necessárias algumas posturas e armas. A postura, como a de qualquer soldado, centra-se no empenho radical e na contínua vigilância. As armas são as orações consideradas poderosas, a referência a santos e santas historicamente ligados ao combate, o jejum, a





mortificação e, como em toda guerra, o ataque, no caso, o ataque espiritual. Mais do que qualquer um desses detalhes, a percepção inicial deve nos levar a uma visão transversal a todos esses elementos que, dependendo da experiência vivida, podem incidir de maneira diversa. Desse modo, as espiritualidades de combate se caracterizam por sua ênfase na dimensão da luta e do confronto, propondo uma fé ativa e militante, onde o cristão e a cristã se munem com as armas de Deus para enfrentar as forças do mal e viver uma vida de santidade em meio a um mundo que é visto como um campo de batalha espiritual.

Não é de hoje que isso acontece...

7. Certamente espiritualidades de combate não são uma produção de nosso tempo. Este tem gerado principalmente formas recicladas de um tipo de compreensão do cristianismo que ao longo dos séculos tem se feito presente na vida da Igreja, já no modo como a Sagrada Escritura menciona algumas vezes a vivência da fé.
8. Jesus menciona um caminho estreito (Mt 7,13-14), que implica negar a si mesmo (Mt 16,24). Pegou o chicote para purificar o templo (Jo 2,13-17). Paulo descreve a vida cristã como corrida e luta (1 Cor 9,24-27). Quem já não usou sua conhecida reflexão sobre o que ele viveu após o encontro com Cristo? "Combati o bom combate, completei a corrida, guardei a fé." (2Tm 4,7). Isso exige esforço e vigilância constante, que podem ser descritos como combate espiritual interior. A Carta aos Efésios traz um conselho direto: "Revesti-vos da armadura de Deus..." (Ef 6,10-18).
9. Por sua vez, o Antigo Testamento oferece diversos elementos para justificar espiritualidades de combate. Muitas das batalhas ali descritas apresentam abordagem física, isto é, a vitória sobre o inimigo é literalmente sinal da manifestação divina como resposta à fidelidade do povo. O Livro de Josué é um exemplo das batalhas que o povo hebreu precisou enfrentar para conquistar a Terra Prometida, com a tomada de Jericó e demais territórios de Canaã (Js 6ss). Essas batalhas não são compreendidas apenas como conflitos militares, mas principalmente como momentos em que se expressa a fidelidade de Israel a Deus e a confiança em Sua proteção. A jornada de conquista de Canaã simboliza uma luta espiritual contínua contra as forças do





mal e as tentações, refletindo uma luta pela pureza e pela aliança com Deus. Interessante observar o uso atual do Salmo 144 (145) como um dos preferidos por algumas configurações contemporâneas da espiritualidade de combate, pois este salmo se inicia com um versículo paradigmático: "Bendito seja o Senhor, minha rocha, que ensina as minhas mãos a lutar e os meus dedos a guerrear." (Sl 144,1). Enfim, é possível encontrar no Antigo Testamento a ideia de que a luta física e a luta espiritual são inseparáveis e que a vitória espiritual não só requer confiança em Deus, mas também treinamento e participação na luta. Essa conexão entre batalha física e combate espiritual, especialmente quando lida fora do contexto, permite conceber a percepção e a linguagem bélicas como manifestações de um relacionamento fiel com Deus. A batalha acaba se tornando uma mediação para a experiência e Deus.

10. Do mesmo modo, a história da Igreja registra diversas experiências e escolas de espiritualidade que têm no combate a sua referência principal. As cruzadas medievais e as ordens religiosas militares, tais como os templários, os teutônicos e os hospitaleiros, foram expressões agudas deste tipo de compreensão. Santos e santas como, por exemplo, Catarina de Sena (Sec. XIV), Joana d'Arc (Séc. XV), Inácio de Loyola (Sec XVI), Teresa d'Ávila (Sec. XVI) e Pio de Pietrelcina (Sec. XIX-XX) são alguns exemplos de caminhos espirituais que tiveram a batalha, o combate como compreensão e expressão. Em cada uma dessas concretizações históricas, reconhecidas pela Igreja como legítimas, o que se tem na maioria das vezes é o uso metafórico da linguagem bélica, para expressar a luta contra a tentação, o pecado e o demônio, colocando o cristão e a cristã em contínua vigilância contra a tibieza.

O combatente do momento

11. Atualmente, a figura que mais se destaca como referência às espiritualidades do combate é o Arcanjo São Miguel, figura central nas batalhas espirituais





descritas no Antigo (Daniel)⁴ e no Novo Testamento (Judas e Apocalipse)⁵. Líder das hostes celestiais e defensor do povo de Deus contra as forças do mal, São Miguel atua para manter a ordem divina. Atualmente, a manifestação mais relevante tem sido a *Quaresma de São Miguel*, cuja origem se encontra na tradição franciscana, mais especificamente a partir da experiência espiritual de São Francisco de Assis, inclusive com sua visita ao Monte Gargano... Embora não seja uma prática litúrgica oficial da Igreja católica como a quaresma antes da Páscoa, ela é uma devoção privada que ganhou força e se difundiu amplamente, sobretudo em meios carismáticos, conventuais e populares.

12. São Francisco tinha o costume de fazer ao longo do ano, períodos de jejum, oração e penitência. Ele os chamava de *quaresmas*, embora tais períodos não se limitassem à quaresma em preparação à Páscoa. Uma dessas quaresmas acontecia no período de 15 de agosto (Assunção de Maria) até 29 de setembro (Festa de São Miguel Arcanjo). Durante esse período, S. Francisco jejuava em honra a São Miguel Arcanjo, que ele venerava como defensor da Igreja e guia das almas. Segundo a tradição, teria sido durante um desses períodos, que ele recebeu os estigmas de Cristo. Esse fato ligou profundamente a devoção a São Miguel com a mística do sofrimento redentor e do combate espiritual. Para São Francisco de Assis, jejuar em honra a Miguel era um modo de honrar os anjos e santos, buscar pureza interior e proteção espiritual a fim de se preparar para experiências espirituais mais

⁴ **Dn 10,13** - "Mas o **príncipe** do reino da Pérsia se opôs a mim durante vinte e um dias, e eis que **Miguel**, um dos principais príncipes, veio em meu socorro, pois eu fui deixado lá com os reis da Pérsia."

Dn 10,21 - "Mas eu te declararei o que está escrito no livro da verdade e ninguém me assiste contra esses, senão Miguel, o vosso príncipe."

Dn 12,1 - "Naquele tempo se levantará **Miguel**, o grande **príncipe** que se levanta pelos filhos do teu povo; e haverá um tempo de angústia, como nunca houve desde que houve nação até aquele tempo; mas naquele tempo o teu povo será libertado, todo aquele que for encontrado escrito no livro."

⁵ **Jd 9** - "Mas **Miguel**, o **arcanjo**, quando **contendia com o diabo** e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou proferir contra ele um juízo de maldição, mas disse: O Senhor te repreenda."

Ap 12,7-9 - "E houve batalha no céu: **Miguel** e os seus **anjos** combateram contra o **dragão**, e o **dragão** e os seus anjos combateram; mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar foi encontrado no céu. E foi expulso o grande dragão, a serpente antiga, chamada o **Diabo** e **Satanás**, que engana o mundo todo; foi lançado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele."





profundas. As principais atitudes desta quaresma são o combate espiritual contra o mal e o pecado, a devoção aos anjos e à vida celeste, a intercessão pelos outros e pela Igreja, a conversão pessoal e intensificação da oração. Ao longo de quarenta dias, os fiéis são instados ao jejum, à abstinência de carne, à penitência (diária), à recitação da Oração a São Miguel Arcanjo composta pelo Papa Leão XIII⁶, a oração diária, a ladainha de São Miguel, o terço ou Coroa dos Anjos e a meditação da Palavra de Deus. São ainda recomendadas a confissão frequente, a participação na missa e a adoração ao Santíssimo, além da prática das obras de misericórdia e da caridade em geral.

Outras expressões da mesma tendência

13. Embora em voga, a Quaresma de São Miguel não é uma exclusividade nesse perfil de espiritualidade de combate. Outras configurações têm surgido no Brasil nas últimas décadas, das quais convém recordar o *Cerco de Jericó*, mais uma expressão diretamente relacionada com a busca de proteção espiritual e vitória em batalhas pessoais ou comunitárias. Amplamente presente Brasil afora, esta é uma prática devocional de oração intensiva que se baseia na passagem bíblica do mencionado Livro de Josué (Js 6,1-20). A prática de cercar Jericó simboliza o desafio espiritual de enfrentar as muralhas da vida, sejam elas problemas, dificuldades, vícios ou desafios espirituais, confiando na intervenção divina para as derrubar.
14. O Cerco de Jericó se popularizou muito nos últimos anos no Brasil. Por ele, se busca uma experiência intensa de oração e renovação espiritual. Essa prática tem atraído muitos brasileiros e brasileiras que procuram uma experiência direta e transformadora com Deus, buscando soluções para desafios em áreas como saúde, relacionamentos, trabalho e problemas familiares. É uma das várias manifestações de fé que se espalharam no Brasil e que mostram o crescimento da espiritualidade de combate, intercessão e oração intensa.

⁶ "São Miguel Arcanjo, glorioso Príncipe dos exércitos celestes, defendei-nos no combate contra os principados e as potestades, contra os chefes deste mundo de trevas, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares." Além disso, na internet se encontra a tradução da oração oficial que o santuário distribuiu para a imposição do Escapulário de São Miguel Arcanjo, a semelhança ao de Na. Sra. do Carmo e do Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria





15. Como sabemos de nosso cotidiano pastoral, essas duas formas de atualmente viver a fé não são as únicas. São, porém, paradigmáticas de um tipo de configuração que, aliada às dinâmicas das redes sociais e outros modos contemporâneos de comunicação, têm crescido, reconfigurando experiências tradicionais, vidas de comunidade e compreensões da missão, do ecumenismo, do diálogo interreligioso e do compromisso socioambiental transformador. São descobertas ou redescobertas que têm se popularizado entre diversos grupos católicos, em especial os que seguem espiritualidades de vertente neopentecostal, com destaque para os jovens e as novas comunidades. Consequentemente, torna-se necessário discernir o caminho pastoral a ser seguido, buscando para isso entender em que sentido esse tipo de espiritualidade de combate se insere na conjuntura do Brasil de nossos dias. Sabemos que espiritualidades são o encontro da ação do Espírito com as mentalidades de cada tempo e lugar. O Espírito não força, não impõe. Ao contrário, manifesta-se em meio às alegrias e mazelas de cada época, convocando e fortalecendo a Igreja ao discernimento, o qual exige que se olhe tanto o contexto em que essas situações surgem quanto a relação que estabelecem com o Evangelho.

Da segurança ao fermento e à missão

16. Não é de hoje que Análises de Conjuntura dos mais variados tipos têm apontado para um período de quebra de referências, fragilidade das identidades e dos relacionamentos. Junto com mazelas sociais e ambientais, precisamos assumir que o Brasil de nossos dias vive também uma espécie de turbulência existencial. Por certo, a história nunca foi integralmente pacífica e nem o será. Afinal, é história e não eternidade. Carrega em si a ambiguidade, sempre oscilante entre alegrias e tristezas, realizações e frustrações, com a possibilidade de algumas vezes as incertezas e as frustrações se tornarem mais intensas, com grande força desenraizante, isto é, com a remoção das seguranças, dos apoios que permitem sentido à vida, sonho, engajamento e ação transformadora. Tais momentos não só possuem a força paralisadora de todos os empenhos pela transformação da história, como acabam gerando descrença nos próprios mecanismos histórico-sociais para a solução dos problemas. O olhar, que, em outros momentos se direcionou para dentro da





história, privilegia agora o que está fora da história, valorizando mais o sobrenatural do que o natural, mais o celeste que o terreno. É próprio do pêndulo arremeter-se ao extremo oposto. E a história sempre contou com momento simétrico e assimétrico.

17. Um contexto nacional com situações preocupantes em diversos níveis, com sequelas sociais, ambientais, políticas e morais, muitas delas geradoras de frustrações que removem as mais básicas seguranças, traz aos primeiros lugares das preocupações de pessoas e grupos a busca por segurança. Se, portanto, não se consegue encontrar esta segurança nos mecanismos histórico-sociais, nos caminhos naturais, ela haverá de ser buscada predominantemente nos caminhos sobrenaturais. Por certo, não se trata de negar a abertura ao transcendente e a entrega confiante nas mãos de Deus. Se assim fosse, estaríamos negando nossa própria identidade e missão, o valor salvífico de Jesus Cristo e a ação da graça de Deus, amplamente presentes nas Sagradas Escrituras, especialmente nos Evangelhos. O problema permanece no âmbito expresso pela imagem do pêndulo com suas variadas e abruptas oscilações. Embora o equilíbrio esteja no meio, a tendência dualista aos extremos é que se torna preocupante. Quando, portanto, uma determinada tendência espiritual, como é o caso do tema desta Análise de Conjuntura Eclesial, entende a totalidade da fé a partir apenas de um aspecto e espectro, seja ele histórico ou sobrenatural, o desequilíbrio já se instalou e os riscos são consideráveis. E um dos primeiros riscos é o do fanatismo, sempre oposto ao equilíbrio e infelizmente pautado no fundamentalismo bíblico, que ignora a necessidade de se levar em conta o tríplice sentido: literal, espiritual e pleno da Escritura⁷.
18. Nesse sentido, é interessante observar como as espiritualidades de combate acabam por tangenciar alguns movimentos fundamentalistas e retrópicos, isto é, que colocam entre seus objetivos o retorno a um tipo de sociedade e religião de tempos atrás. Trata-se do desejo de se reconstruir, ao lado da sociedade global, por demais complexa, uma sociedade neo-arcaica, artesanal e agreste, fracamente institucionalizada e fragilizada a todo instante. Porém, nada é mais perigoso que o *mito do simples*, pois a sociedade

⁷ Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, A interpretação da Bíblia na Igreja. Abril 1993





futura não será mais simples que a nossa. A vida coletiva vai continuar a apresentar cada vez mais múltiplas camadas de interdependência, diversidade e contínua transformação. Por isso, além de não podermos subestimar o potencial da violência que se acumula sobre essa fronteira entre a sociedade organizada e a sociedade alternativa⁸, também somos levados a questionar se esse tipo de vivência da fé cristã não acaba por negá-la quanto ao aspecto da encarnação, de ser sal, fermento e luz na história e na sociedade que aí estão (Mt 5,13-16).

19. O fundamentalismo, enquanto movimento religioso, mas também forma de interpretação global da vida, liga-se a esse *mito do simples*, produto do esgotamento provocado pela corrida ao progresso, pelo sonho tecnológico e pela complexidade que marcam a sociedade contemporânea. A complexidade da vida contemporânea leva a uma saudade de tempos em que as pessoas eram felizes e satisfeitas pelo simples, mesmo que esses tempos nunca tenham sido vivenciados, como é o caso das gerações mais jovens em nossos dias. Por analogia, podemos afirmar que o desejo de retorno ao simples é promovido proporcionalmente à complexificação de alguns processos, tais como as relações entre a religião e a sociedade hoje; as exigências da vida cristã no mundo atual; os discursos com os quais, por vezes, a Igreja fala; a burocratização das mediações de experiência do sagrado e reconfiguração de vida eclesial comunitária, entre outras. É importante que estejamos dispostos a avaliar sempre quais dessas complexidades são inevitáveis porque próprias do tempo em que estamos e quais, porventura, podem ser frutos dos nossos hábitos, nossas linguagens ou de burocratização e teorização excessivas.

O pêndulo não para no alto... Nem para de se movimentar...

20. É verdade que algumas formas de viver a fé, de rezar apresentando a Deus as angústias de cada dia acabam nos assustando, não tanto porque sejamos racionais em demasia, muito estudados nas lides teológicas e, portanto, distanciados do povo simples, que é mais afetuoso na relação com Deus.

⁸ RICOEUR, Paul. Interpretação e ideologias. 2. ed. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 153.





Assustamo-nos porque algumas dessas formas de oração acabam ferindo a irrevogável lei do bom senso. No entanto, somos convidados a nos assustar ainda mais quando, subjacentes a tais ritos impactantes, percebemos a frustração de pessoas que não encontram em outro local lenitivo para suas dores, uma vez que os grandes mecanismos sociais são falhos, principalmente para quem não tem recursos financeiros para arcar com eles.

21. Diante desse quadro, somos convidados a nos indagar se a espiritualidade de combate, por mais aceitação que possa receber, é a única oferta pastoral que temos atualmente, capaz de efetivamente enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Precisamos igualmente nos perguntar se esse tipo de religiosidade precisa ser marcado por um dualismo tão forte que joga todas as suas fichas na destruição de uma parede simbólica ou no esforço por acordar mais cedo para se unir a tantas outras pessoas que fazem o mesmo. Será que nossas tradicionais ofertas pastorais estão perdendo fôlego para dialogar com um contexto brasileiro que vive profundas transformações em seu *ethos* sociorreligioso?⁹
22. Somos convidados a recordar que, no jeito brasileiro de viver a fé, existe um dado penitencial forte, que implica sacrifícios, o qual, embora não comercializando com a gratuita graça de Deus, expressa a participação humana na vitória sobre as dores que a vida apresenta. O que são os caminhantes de Compostela ou os que seguem a Rota da Fé em direção ao Santuário de Aparecida? O que são os jejuantes das mais diversas tendências? O que são os cilícios antigos e contemporâneos? Podemos discordar do modo como essas práticas são feitas, mas precisamos reconhecer que há um dado antropológico inerente a elas e que esse dado é o desejo humano de interagir com Deus, provocando-lhe a ação, desejo, por certo, na maioria das vezes aliado a frustrações e carências. Se alguns rituais são preocupantes em si, mais preocupantes devem ser os contextos sociais e pastorais em que eles acontecem e vão se proliferando. Se algumas vezes nos assustamos com determinadas formas de rezar marcadas por atitudes que ferem a radical lei do bom senso, devemos nos preocupar em

⁹ INAPAZ, Do descompasso à missão, à comunidade e à iniciação. Análise de conjuntura eclesial apresentada à 61ª AGO, em abril de 2024





transcender essa percepção inicial e com nossa ação evangelizadora ajudar no discernimento, a partir da ótica cristã.

23. Para isso, precisamos recordar que a experiência religiosa toma a forma do tempo e do lugar em que surge. Não fosse assim, não estaríamos a continuamente refletir sobre a piedade ou religiosidade popular, reconhecendo nela valores fundamentais, como, por exemplo, o afeto e a proximidade com Deus, mas também suas limitações, seus exageros e desvios. Períodos históricos de grandes frustrações e crises de identidade são propícios a grandes manifestações de piedade popular. Tempos de seca, por exemplo, fazem emergir petições e sacrifícios pela chuva. Importa, utilizando este exemplo da seca, ajudar o penitente a perceber que a exposição excessiva ao sol escaldante pode levar a não aproveitar dos benefícios da chuva, quando ela chegar. O pêndulo necessita parar no meio ou pelo menos ficar por algum tempo nessa posição.

Ele é nossa paz! (Ef 2,14)

24. Como, pois, compreender essa realidade e discernir caminhos pastorais? Será suficiente afirmar que estamos diante de manifestações da piedade popular e, com isso, dar-mo-nos por satisfeitos porque temos um número maior de gente nas igrejas, quando os dados censitários têm indicado o decréscimo dos católicos? Como questionar expressões de combate quando elas estão presentes tanto na Escritura quanto na história da Igreja, gerando inclusive santos e santas? Não estaríamos aqui manifestando uma espécie de preciosismo teológico-pastoral? Que relação deve ser estabelecida entre a fé cristã e o anúncio da paz?
25. Sabemos que essas contemporâneas espiritualidades de combate podem ser classificadas como expressões da *piedade popular* e que em torno a esse campo existem diferentes compreensões e avaliações. Daí a importância de estabelecer alguns parâmetros para interação com essas espiritualidades e outras expressões chamadas de popular.
 - 25.1 O primeiro desses aspectos diz respeito ao próprio conceito de piedade ou religiosidade popular. São maneiras de viver e expressar a fé que não brotam de orientações oficiais da Igreja, mas de práticas





religiosas surgidas espontaneamente a partir de iniciativas de pessoas ou grupos, independentemente do conteúdo e da linguagem que tenham. Popular, nesse sentido, se contrapõe a oficial.

- 25.2 O segundo aspecto diz respeito à responsabilidade que recai sobre os pastores diante de tais expressões. Trata-se de discernir, acompanhar e, como se costuma dizer, purificar, para que permaneçam autênticas e em sintonia com a fé cristã¹⁰.
 - 25.3 O terceiro aspecto exige distinguir entre o que é dado cultural e o que efetivamente é dado de fé. Isso acontece porque a fé não levita sobre pessoas e povos. Ao contrário, em consequência da encarnação, implica expressões e linguagens próprias das culturas onde é anunciada e vivenciada. Por isso, se faz tão necessário identificar o que, nas dessas expressões religiosas, fere ou não os conteúdos doutrinários, ou seja, a identidade do cristianismo. Toda expressão de piedade popular é uma síntese entre o que é experimentado em determinado contexto e os instrumentos culturais disponíveis para sua verbalização. Estamos sempre diante de uma cosmovisão específica e de uma linguagem utilizada para expressá-la. Consequentemente, o ponto de partida para o discernimento diante das espiritualidades de combate encontra-se na relação entre, por um lado, o evangelho e, por outro, as metáforas de arma, combate e guerra.
26. O ponto de tangência entre as experiências vividas e as linguagens de perfil bélico encontra-se no esforço que a pessoa é chamada a fazer para viver corretamente o evangelho e alcançar as *graças* desejadas¹¹. Nesse sentido, luta, combate e outros termos correlatos podem ser usados para expressar que tornar-se cristão exige um esforço maior. A peculiaridade cristã desse tipo de linguagem encontra-se no destinatário do combate, a saber, o pecado, que separa a pessoa de Deus, dos irmãos e irmãs. Dualismos à parte, estamos aqui no âmbito do que se costuma chamar de combate espiritual, devendo

¹⁰ Entre os textos mais conhecidos sobre este assunto, encontramos: Evangelii Nuntiandi 48; Catecismo da Igreja Católica, 1676; Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia 9, 10, 61, 77; Aparecida 263; Evangelii Gaudium 69;

¹¹ Interessantes exemplos podem ser encontrados em textos paulinos, como, por exemplo, 1 Coríntios 9,24-27 e Filipenses 3,13-14, 2 Timóteo 4,7-8.





os pastores estarem sempre atentos a que tais combates, em algum momento de sua trajetória, não se direcionem para as demais pessoas, em especial as que pensam, sentem e vivem de modo diferente. A novidade do Evangelho está na fraternidade universal que é estabelecida entre todas as pessoas, independente de qualquer outro critério, pois ela é fruto da graça, que rompe todas as formas de separação e combate. Por isso, chega-se à dura exigência de amar os inimigos e rezar pelos perseguidores como condição de perfeição (cf. Mt. 5,44.48). Nesse sentido, pode-se aceitar que a linguagem seja a de um combate, mas a compreensão de toda a vida necessita ser irrenunciavelmente de comunhão, de fraternidade. Por isso, diante das espiritualidades de combate, é indispensável indagar a respeito da possibilidade de se utilizar linguagens de combate para expressar uma cosmovisão indispensavelmente de comunhão e fraternidade, ainda mais em um momento histórico marcado por polarizações e radicalizações, em que o diferente tende a ser visto como inimigo ameaçador e, por isso mesmo, meta de destruição. Não estaria uma expressão religiosa marcada por metáforas de perfil belicoso, na prática, alimentando compreensões da vida igualmente belicosas? Até que ponto é possível utilizar uma linguagem bélica para pregar a paz?¹²

27. A resposta a essa inquietante questão deve considerar que não existe assepsia total entre o modo como as experiências religiosas são expressas e o restante da compreensão da vida. Trata-se, na verdade, de um caminho de mão dupla. Assim como períodos ou ambientes marcados por polarizações, fundamentalismos e fanatismos são terrenos propícios para o surgimento de tais expressões, esta utilização pode estar retroalimentando visões de mundo na mesma direção. Por isso, embora bíblica e historicamente existam metáforas de perfil bélico para expressar a fé cristã, sua utilização não deixa

¹² Nesse sentido, correlato ao tema das espiritualidades de combate, porém mais abrangente, importa estar atento a que essas ilhas de autoproteção não acabem se tornando guetos concretizadores de uma espécie de cisma tácito ou não declarado. Trata-se de uma situação em que um grupo dentro da Igreja Católica adota práticas, doutrinas ou atitudes que estão em desacordo com as diretrizes e autoridade central da Igreja, mas sem fazer uma ruptura formal e explícita. Esses grupos podem se afastar progressivamente da Igreja sem uma excomunhão ou uma separação clara, criando divisões internas e, muitas vezes, uma atitude crítica em relação ao Papa, ao magistério e às reformas pós-Vaticano II. Embora não haja uma ruptura formal, esses grupos muitas vezes geram uma divisão na vida e no modo de se compreende os ensinamentos da Igreja.





de ser preocupante em um período sociocultural como este em que estamos vivendo. Não é porque muita gente segue determinado caminho que ele deixa de ser perigoso. E o discernimento não se resolve por estatísticas, com altos números de aceitantes, pois a questão fundamental aqui não é a do número de pessoas que aderem à proposta, mas a capacidade de incidir sobre a mentalidade predominante. Em consequência, é necessário considerar a capacidade que as espiritualidades de combate possuem para uma efetiva contribuição à paz, à fraternidade, à solidariedade e à justiça socioambiental, todas estas características inerentes à vivência do Evangelho. Não se nega aqui a possibilidade de uso simbólico de terminologia e imaginário de combate para expressar a experiência cristã. Indaga-se até que ponto este uso é adequado e apto a questionar compreensões da vida e suas decorrentes atitudes em um tempo de agudas radicalizações como o atual.

28. Em uma mensagem, as expressões, os termos e os símbolos não permanecem neutros diante dos contextos em que são utilizados. E, mais delicada ainda é a utilização de símbolos que remetam ao combate, pois, assim como os termos usados, os símbolos também oferecem porosidade, permitindo que suas compreensões acabem passando para outras instâncias da vida, sendo ressignificadas. No caso dos símbolos, esta interação é até mais forte, pois o aspecto visual inevitavelmente influencia o modo como a mensagem é interpretada e aplicada à totalidade da vida. O discurso pode ser o da paz, mas, se a linguagem e, mais ainda, as imagens e os símbolos apontam para o combate, existe o perigo de contradizerem o discurso. Que sentido por exemplo terá uma mensagem sobre pobreza que utiliza símbolos de luxo e sinais de ostentação? Até que ponto tempos de agudas polarizações são efetivamente interpelados por meio de termos e imagens de perfil combatente? A insatisfação e a inquietude de pessoas e grupos são inegavelmente terrenos férteis para que tais expressões belicosas acabem surgindo. Podem ser comparadas a um grito de *basta* em relação a tudo que fere a dignidade humana. O grito acontece no jeito como se encontra a pessoa que o emite. Não pode, entretanto, a pessoa que grita permanecer nesse tom de voz, até porque seu organismo em algum momento não vai aguentar. Depois do grito, faz-se necessário utilizar outras expressões para





manifestar as mesmas preocupações, só que mais cautelosamente evitando as cooptações explícitas ou implícitas, retroalimentadoras exatamente do que se está questionando. Em um Brasil cujos resultados censitários confirmam um cenário de secularização, pluralismo religioso e individualização das crenças com mudanças no *ethos* religioso¹³, torna-se necessário olhar além da questão numérica dos católicos. Em um Brasil marcado por radicalizações e rejeições do diferente, é necessário considerar se, por meio de certas práticas piedosas, não se está inconscientemente reforçando a questão que é necessário enfrentar.

29. Nesse sentido, se, por um lado, compreendemos os motivos pelos quais as espiritualidades de combate têm encontrado no Brasil de nossos dias um terreno fértil para frutificarem, por outro, faz-se necessário lembrar, em chave de contraponto, que Jesus é manso e humilde de coração, que a solução para as mazelas e as desumanizações passa necessariamente pelo perdão, a reconciliação e a resiliência. Se a linguagem, as expressões, os termos e os símbolos, para expressar o encontro com Jesus podem algumas vezes ser de combate, a cautela evangelizadora indica ser necessário reforçar o contraponto, ou seja, afirmar, por palavras, atos e, mais ainda, por experiências eclesiais, a condição irrenunciável da comunhão, do relacionamento, da fraternidade, do convívio, da superação, da coesão e tudo mais que se puder acrescentar a esta lista de termos.

Um só coração e uma só alma (At 4,32)

30. Em consequência, o discernimento pastoral deve nos levar a identificar o que venham a ser experiências de contraponto, evitando, assim, que as espiritualidades de combate caiam em pelo menos dois riscos. O primeiro consiste em reduzir a ação evangelizadora a eventos válidos por si e muito ligados à lógica do consumo, própria de nosso tipo de sociedade. O segundo consiste, reiterando, em verificar se tais manifestações da piedade popular não acabam se tornando alimentadoras de uma sociedade ainda mais agressiva e belicosa, dilacerando-se ainda mais as feridas, ao invés de cuidar

¹³ INAPAZ, Entre números e interpretações. Uma primeira reflexão sobre os dados religiosos do Censo 2022. Análise de conjuntura eclesial apresentada ao Conselho Permanente em junho 2025.





delas com o óleo do bom samaritano (Lc 10,29-37). Por certo, a solução pastoral não poderá ser a do cerceamento puro e simples, até porque este tipo de postura pastoral simplesmente não funciona. É ilusório querer enfrentar por decreto vivências altamente significativas. Por mais esplendorosos que sejam, os decretos serão ignorados ou pelo menos ressignificados, principalmente em um mundo no qual os espaços estão sendo cada vez mais reconfigurados. Decretos funcionam em contextos fixos, o que, bem sabemos, tendem a desaparecer cada vez mais. Por sua vez, as vivências e experiências ultrapassam limites, rompem fronteiras, atropelam jurisdições e circunscrições, ainda mais nestes tempos de redes sociais, tão inter, trans, pluri e multiculturais. Desse modo, o desafio pastoral que as espiritualidades de combate trazem para a Igreja no Brasil, antes ou além de ser de perfil disciplinar e canônico, é, repetindo, o de disponibilizar experiências fortes de alteridade, de *Fratelli Tutti*, e isso, bem sabemos, só se faz por meio da vida em comunidade, na pavimentação da fraternidade cotidiana. Nesta, a convivência e os vínculos que nela são gerados e fortalecidos são capazes de superar a força de mensagens que, mesmo não tendo essa intenção, correm o risco de nutrir as lógicas da divisão e do combate. Com isso, se ratifica a urgência de se pensar uma ação evangelizadora que, não desprezando a importância das grandes manifestações de massa, investe firmemente na experiência de comunidade¹⁴. Ou os eventos estão ligados a processos ou perderão, ainda que gradativamente, sua força interpeladora.

31. Por isso é tão importante considerar a relação entre vinculação comunitária e violência, pois, ainda que seja uma constatação assustadora, a violência também é uma forma de gerar coesão comunitária por meio do estabelecimento de um ódio em comum. Trata-se de uma forma de violência comunitária revestida de uma sacralidade tal que impede os indivíduos de questionar sua validade. Estes acabam acreditando estarem vivenciando uma forma de violência necessária, até porque não rejeitada pelos filtros éticos e morais, altamente diluídos. Na medida em que emerge e se fortalece um mesmo objetivo – nesse caso, a custódia da verdade – instala-se a

¹⁴ INAPAZ, Configuração eclesial em pequenas comunidades. Motivos, chances e desafios atualmente. Análise de conjuntura eclesial apresentada ao Conselho Permanente na reunião de março 2025.





rivalidade, sendo necessário recorrer à violência contra uma vítima expiatória para liquidá-la, substituindo, assim, o *todos contra todos* pelo *todos contra um*. Nesse sacrifício expiatório, a violência é sacralizada. E, quando todos se unem de forma violenta contra a vítima, cria-se a comunidade. O outro, o diferente, aquele que destoa da maioria, eleito como *bode expiatório*, precisa ser sacrificado, para que a ameaça seja eliminada¹⁵. Ora, essa não é a proposta cristã nem para o âmbito social nem para o religioso.

32. Essa é a razão pela qual nossas atuais preocupações evangelizadoras devem diuturnamente se indagar a respeito dos motivos pelos quais os vínculos estão sendo estabelecidos. Vínculos são importantes, mas podem surgir de um ódio em comum ou de uma fraternidade gradativamente construída. Daí a necessidade de considerar que as espiritualidades de combate atualmente correm o risco de terem um lugar muito mais decisivo do que temos sido capazes de perceber. Daí, como se tem feito desde as DGAE construídas a partir de Aparecida, importa priorizar a comunidade, explicitando insistentemente a causa maior da adesão e dos vínculos. Não há como não investir na experiência da pequena comunidade centrada na Palavra, na qual as pessoas passam por efetivos processos de iniciação à vida cristã. Além disso, é igualmente indispensável adjetivar o que se entende por comunidade. Se isso não ocorrer, além de possivelmente cooptada pelas lógicas da violência, a comunidade corre o risco de se tornar *guetos de combatentes auto protegidos*, alimentados provavelmente por experiências religiosas de combate. Por isso, além dos vínculos e da referência a Jesus Cristo e o Reino de Deus, é indispensável realçar o valor da vida, a prática efetiva da solidariedade, o resgate dos excluídos e ameaçados, o compromisso pela transformação da realidade e as espiritualidades *do sal e do fermento*. Faz-se igualmente necessário realçar a dimensão missionária e ministerial inerente a essas pequenas comunidades. São realidades que, elevadas ao nível de prioridade, permitem, com boa dose de paciência pastoral, interagir com a atual tendência a privilegiar espiritualidades de combate.

¹⁵ GOMES, Tiago de Fraga. O Logos colaborativo em teologia: o diálogo entre as religiões em prol de uma cultura de paz e não violência. Porto Alegre: Edipucrs, 2022, p. 43

